

Um mestre da história curta

[16/09/2000]

O golpe de 64 ensinou à minha geração o caminho do Uruguai e da Argentina, à época ainda gozando de liberdade, que depois seria também sufocada por ditaduras militares. Era uma longa viagem de ônibus, longa e cansativa. Mas compensadora: por causa de filmes como *A laranja mecânica*, burramente proibido no Brasil, por causa de peças de teatro, mas, sobretudo, por causa dos livros. Percorrendo as notáveis livrarias de Buenos Aires e Montevideú, descobri, ao lado da literatura política que era o foco de meu interesse, dois escritores que de imediato me surpreenderam e encantaram: Julio Cortázar e Jorge Luis Borges.

Dois nomes paradigmáticos, constantemente evocados. Agora mesmo a Civilização Brasileira — também um símbolo de resistência — acaba de lançar, em primorosa tradução de Gloria Rodriguez, mais uma edição de *Octaedro*, uma coletânea de contos que apareceu pela primeira vez — curiosa coincidência — em 1964. São oito histórias típicas do grande escritor argentino, falecido em 1984. O inquieto Cortázar fez experiências em muitos gêneros — romance, reportagem, ensaio — e tais experiências

incluíram até certa pirotecnia formal (como é o caso das composições gráficas de *A volta ao dia em 80 mundos*), mas não resta dúvida que se realizou com mais plenitude no conto, gênero sobre o qual, aliás, escreveu excelentes reflexões. Dois conceitos, que ele não criou, mas que valorizou, são essenciais para a compreensão de seu trabalho. Um é o da “explosão”; o outro tem de surpreender, de chocar até o leitor, sobretudo em seu final, algo que Maupassant e Poe já haviam destacado. O outro é o do “estranhamento”, a capacidade de descobrir o insólito, o inusitado por trás do habitual, do banal. Isso também não é novo; já estava em E. T. Hoffmann e, é claro, em Kafka. Mas, em *Octaedro*, Cortázar revela-se mais próximo de García Márquez do que desses autores. O realismo fantástico latino-americano conseguiu neutralizar o pesado gótico literário com o humor, a sátira (quase sempre política), a transbordante emoção peculiar aos latinos, aos argentinos sobretudo. Cortázar, que viveu muitos anos exilado em Paris, trabalhando para a Unesco, é, no entanto, um autêntico portenho, o que se evidencia sobretudo na paixão que é uma tônica em seus personagens. Não chega a transformar a vida em um tango, mas é quase isso. Cortázar cultiva a palavra até o nível do barroco, mas a vida, o cotidiano, estão sempre presentes em seu texto. Aliás, o único conto frustrado neste volume, “Os passos no rastro”, peca exatamente por trocar a vida pela literatura. O que temos ali é a história de um escritor que escreve sobre outro escritor, que o glorifica mas depois descobre que é um safado — enfim, as habituais focas que fazem parte da chamada vida literária. Cortázar sabe disso; na epígrafe rotula “Os passos no rastro” de “crônica um pouco tediosa”, ao estilo de um “Henry James que tivesse tomado chimarrão em qualquer pátio portenho”. Só que Henry James e chimarrão são, e Cortázar sabe disso, absolutamente incompatíveis.

Paris e o metrô aparecem muito nesse livro e dão origem a

CRÔNICAS M. S.

IN: SCLAR, Meacjr. " A poesia das coisas
simples: crônicas". São Paulo: Companhia
das Letras, 2012, pag. 52-54.

uma história curiosa. "Manuscrito achado num bolso", sobre encontros entre um homem e uma mulher no metrô. Início de um romance? Não: o homem propõe à mulher que se separem, para ver se o destino um dia os reunirá de novo em um vago. Em "As fases de Severo", Cortázar fala de um doente que passa por periturbadoras, surrealistas fases: a fase do suor, a fase das traças (em que fica coberto por esses insetos), a fase dos números, na qual atribui misteriosos números às pessoas que o rodeiam. Mas essa cabala é devidamente neutralizada quando, no final, diz o narrador que o melhor era "fumar e tomar chimarrão, essas coisas que ajudam".

Nos anos da repressão, Cortázar era preferido a Borges. Afinal, tratava-se de um escritor de esquerda, corajoso, comprometido profundamente com o ser humano, ao passo que Borges parecia uma aristocrata das letras, distanciado o suficiente da realidade para apoiar Pinochet — um gesto que provavelmente lhe custou o Nobel. Hoje, porém, não resta dúvida de que Borges está muito mais em evidência do que Cortázar. O que é compreensível: a sua literatura elegante e rica em imaginação, porém cerebral, desprovida da efusão apaixonada de Cortázar, apela muito mais à época em que vivemos, uma época de "pós": pós-industrialismo, pós-comunismo, pós-modernismo. Cortázar acreditava: no amor, na amizade, no ideal socialista. Borges é, antes de tudo, um cético — um cético ao qual não falta sabedoria, mas um cético mesmo assim. Em matéria de jogo ficcional, ele é indiscutivelmente superior a Cortázar. E jogo ficcional é algo inteiramente compatível com uma época dominada pelo jogo do mercado.